

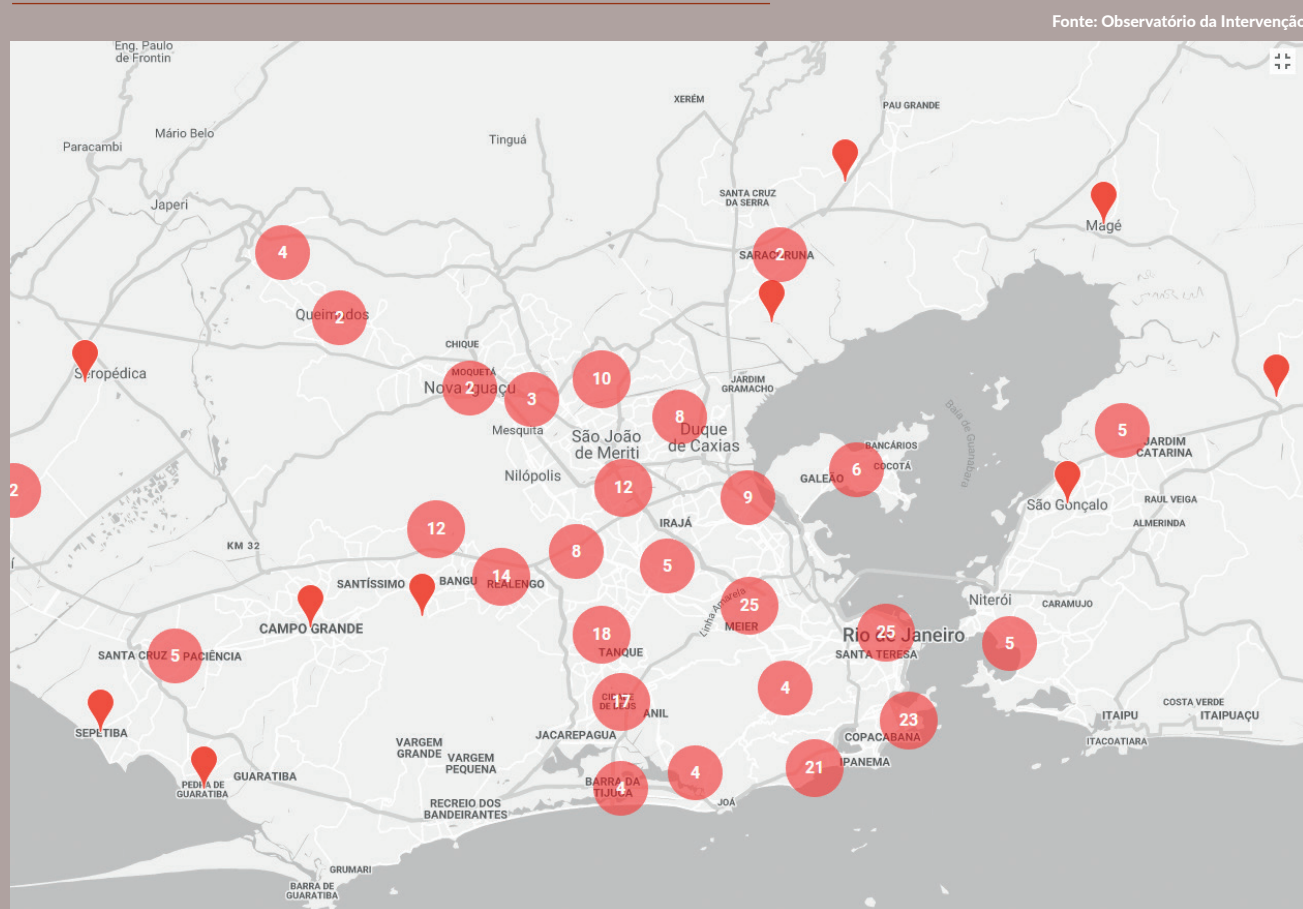
CINCO MESES DE INTERVENÇÃO FEDERAL

MUITO TIROTEIO, POUCA INTELIGÊNCIA

O Rio de Janeiro não tem o que celebrar no dia que marca cinco meses da intervenção federal na segurança pública do estado. **As mesmas práticas violentas da polícia** continuam a dominar as operações em favelas, marcadas por **denúncias de violações e o terror causado por atiradores**, inclusive em helicópteros. Apesar de anúncios diários de operações com milhares de militares e policiais, **os resultados são pífios**. Foram apreendidos menos fuzis, metralhadoras e submetralhadoras durante os meses de intervenção (92) do que no mesmo período de 2017 (145).

Só com a adoção de estratégias consistentes de investigação baseadas em inteligência será possível mudar o panorama da segurança pública no Rio. Quando os generais vão compreender isto?

MAPA DAS OPERAÇÕES MONITORADAS



280
operações monitoradas

260
armas apreendidas

105mil
agentes

69
mortos

94
operações conjuntas*

*FFAA, PM, PC

Dados oficiais de Fevereiro/Junho

Fonte: ISP



Mortes anunciadas

No dia seguinte à morte do policial civil Ellery Ramos de Lemos, da Delegacia de Combate às Drogas, em 12 de junho, o delegado Marcos Amin, declarou no telejornal SBT Rio que a Polícia Civil iria “caçar” os culpados e, se houvesse resistência, iriam “manchar o chão com sangue”.

A morte teve como resposta operações em vários bairros. Uma das mais violentas foi o dia 20, na Maré. **Agentes a bordo do helicóptero da Polícia Civil deixaram mais de 160 marcas de tiros nas ruas.** Na Vila do Pinheiro, cinco homens (Kelvin Duarte Santana, Francisco Felipe Pereira, Paulo Henrique Silva de Oliveira, Igor Barbosa dos Santos e Marcos Vinícius), que estavam em uma casa, foram mortos a tiros.

Há suspeita de que tenham sido executados. Outras duas pessoas foram mortas: um jovem, conhecido apenas como Levi, e **o estudante Marcos Vinicius da Silva, de apenas 14, que seguia uniformizado para a escola.** Havia 23 mandados de prisão. Mas não houve registro de presos.

ELE NÃO ME VIU COM A ROUPA DE ESCOLA, MÃE?

Não ao caveirão voador

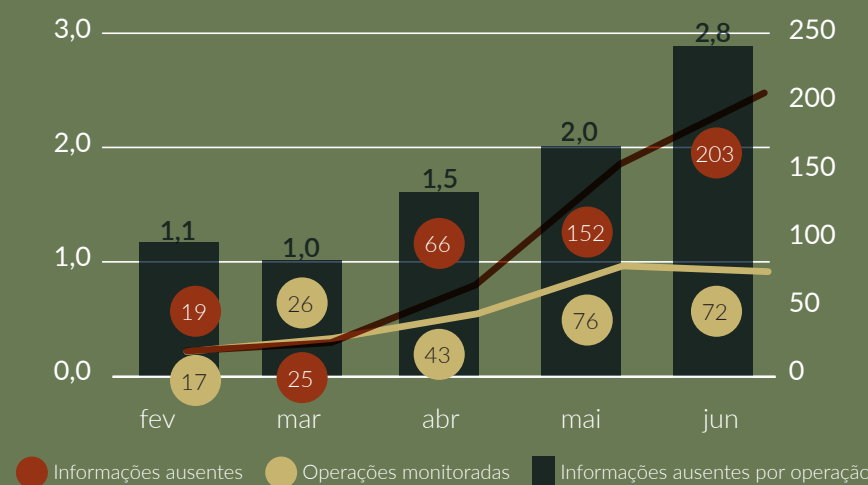
Diante da indignação com a morte do estudante da Maré e o uso de helicópteros para aterrorizar os moradores, a Redes da Maré, associações de moradores locais e outras instituições solicitaram uma reunião com o chefe da Polícia Civil, Rivaldo Barbosa. No encontro, houve vários relatos indignados com a ação. Um representante da Fundação Oswaldo Cruz, próxima à Maré, disse que foi preciso evacuar mil funcionários da instituição. O então secretário de Educação do município do Rio, Cesar Benjamin, se emocionou: **“Não morreu apenas um menino da favela, morreu um aluno nosso”.** Rivaldo Barbosa se comprometeu a rever os protocolos de uso de helicópteros e apurar as mortes na operação.

Violações na Cidade de Deus

Há indicações de que **violações de direitos por forças de segurança estão aumentando à medida em que as operações se multiplicam.** O Defezap e o monitoramento do Observatório registraram esse fenômeno, particularmente em junho. Um foi um espancamento, gravado por moradores, na Cidade de Deus, na noite de 29 de junho. O Comando Militar do Leste prometeu abrir sindicância, mas **nenhum resultado foi divulgado.** No dia 11 de julho, uma página de rede social da CDD publicou as fotos de um morador surrado por policiais do Bope. Os agentes haviam ocupado a laje da sua casa. Quando o morador pediu que saíssem, reagiram com pauladas. Há relatos de arrombamentos na comunidade.

Informações ausentes x número de operações

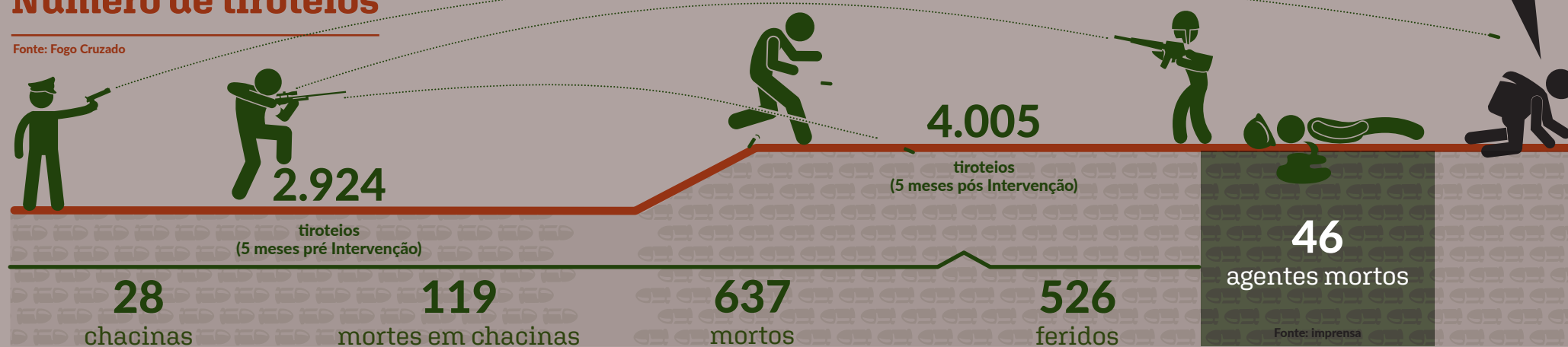
O monitoramento do Observatório vem observando aumento de lacunas de dados sobre as operações divulgadas, como efetivo utilizado e prisões.



Fonte: Observatório da Intervenção

Número de tiroteios

Fonte: Fogo Cruzado



OBSERVATÓRIO DA INTERVENÇÃO



cesec Centro de Estudos de Segurança e Cidadania